

16 JUN 1983

A situação nacional

*Contmua
página*

1) O País vive uma desordem econômica que antecede à desordem social. Há uma inegável crise de confiança, que abala a credibilidade do Governo e ameaça as instituições. Há tensões sociais que se podem converter em explosões populares, pois a paciência da sociedade se esgota.

2) Na raiz da crise está a inflação que as autoridades governamentais não sabem conter porque já perderam o controle da situação e estão desacreditadas nas classes sociais. Os subprodutos da inflação ascendente são a estagnação econômica, que produz o desemprego, e a crise cambial, que empurra o País para a total dependência externa com perda de autonomia e de poder de decisão.

3) O FMI não está mandando no Brasil porque quer, mas porque foi chamado a mandar. As nossas autoridades foram a Washington e suplicaram ao FMI que viesse para cá e ocupasse o nosso País. O cenário é desalentador: cidadãos estrangeiros vasculharam as nossas gavetas ministeriais e autárquicas, invadem o nosso domicílio econômico, repreendem as superiores autoridades econômicas, impõem medidas, estabelecem prazos e metas, reprovam o comportamento do País que desafortunadamente prova que não é sério porque sua economia não é administrada com seriedade.

4) Há a desconfiança interna e o descrédito externo. Somos devedores relapsos no exterior e isso nos leva a uma dependência cada vez maior do FMI e dos bancos credores. O vexame é total. Riem de nós os mexicanos e argentinos que estão cumprindo suas metas e recebendo o aplauso do FMI e dos banqueiros. É demais!

5) As expectativas inflacionárias persistem porque a sociedade não confia nas autoridades econômicas, o mercado reage e recusa as medidas governamentais; as tensões sociais tendem a aumentar porque não há coesão política no Governo e credibilidade para impor medidas restritivas em meio à estagnação econômica e a uma inflação descontrolada que sobe vertiginosamente.

6) A paz social está ameaçada - e os militares já sentem isso e se revelam preocupados com os rumos do País; as classes sociais estão atônitas, os empresários desorientados e perplexos, enquanto os tecnocratas, que há quatro anos assumiram o poder na economia, se explicam e se justificam, se desculparam e se escusam das faltas cometidas e da irresponsabilidade gerencial ante os senhores do FMI, suplicando-lhes a absolvição indispensável para a permanência no poder. É deprimente!

7) Esvai-se a paciência da sociedade que não tem um só motivo para confiar nas autoridades econômicas que a enganam e sofismam e dela desdenham porque se julgam donas da verdade. Em economia política, assim como em qualquer atividade, do maternal onde o desempenho da criança é observado pela professora e durante toda a vida útil do homem, o que se cobra é o resultado. Durante estes quase quatro anos as autoridades responsáveis pela economia apresentaram à Nação uma inflação que se aproxima dos 200%, a estagnação e o desemprego, a indisciplina administrativa, a desordem econômica, a falência externa, a dependência internacional, a perda da autonomia do País, a humilhação e a vergonha de devedor relapso e insolvente, a ocupação do governo por forças externas, o descabro, a incúria, e inépcia e persistente pregação da inverdade; a denegação dos direitos da sociedade e a negação dos fatos econômicos, a insuficiência técnica revelada e o malogro de políticas conflitantes e malconduzidas que produziram a perda da credibilidade do governo perante a sociedade, ameaçando a estabilidade do regime, gerando um estado de pré-convulsão social, deteriorando a popularidade do presidente e empurrando o País para o caos.

8) Uma política econômica coerente, séria e bem administrada pode ser popular. A Inglaterra o prova. Basta que essa política seja conduzida também com seriedade, responsabilidade, competência. A Inglaterra o prova.

9) Não se conduz uma política econômica, seja qual for, à revelia da Nação. A menos que se ponha nas ruas a força policial, como no Chile de Pinochet, na Cuba de Fidel, na Polônia de Jaruzelski, na Rússia de Andropov. Mas aqui os militares acompanham a sociedade porque também não têm motivos para levar a sério e defender os que há quatro anos começaram a afundar o Brasil.